

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

LINGUAGEM COLOQUIAL – PRECONCEITO SOCIAL
OU LINGÜÍSTICO?

Sudária Ovídio Coelho da Silva

mo8

BIBLIOTECA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	6633
Data	31, 09, 02

811271
S5862
Ex 1
C92569329

Pontes e Lacerda

2001

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA**

**LINGUAGEM COLOQUIAL – PRECONCEITO SOCIAL
OU LINGÜÍSTICO?**

**Ensaio monográfico para a conclusão
do Curso de Licenciatura Plena em
Letras – Universidade do Estado de
Mato Grosso – Campus Universitário
de Pontes e Lacerda.**

**Pontes e Lacerda
2001**

DEDICATÓRIA

Os Meus Filhos

Max e Júnior que são estímulos para o meu trabalho e a minha vida

Ao Meu Esposo,

Nilson, pela compreensão, amor e companheirismo expressados nos momentos alegres e tristes.

Aos Meus Pais,

por compartilharem comigo o entusiasmo da realização de mais um sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus

Por ter me abençoado com misericórdia e grande amor dando condições possíveis para realização de mais uma necessária e árdua jornada;

Aos Professores

Que me forneceram os subsídios necessários, em especial à professora Cleunice Maria, que além de apoiar-me nas horas difíceis apresentou os meios, e com paciência e sabedoria orientou-me nesta pesquisa;

À minha família

Pelo incentivo dado em mais uma etapa de minha vida;

Aos colegas de trabalho

Pelo sorriso amigo nas horas de embaraço e questionamentos profissionais;

Aos colegas de sala

Que mostraram-se companheiros em todos os momentos, ajudando-me a superar os obstáculos;

Deixo expresso aqui minha gratidão à Solange, responsável pelo serviço de digitação, o qual desempenhou com capacidade, responsabilidade, atenção, dedicação e, principalmente paciência.

A Todos aqueles que contribuíram de uma forma ou de outra para o meu crescimento

Muito Obrigada.

As diferenças mais importantes entre os dialetos estão menos ligados à variação dos recursos gramaticais e mais à avaliação social que uma sociedade faz dos dialetos (...) quanto menos valor (prestígio) têm os falantes na escala social, menos valor tem o dialeto que falam. (Possenti, 2000:28)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
A TEORIA.....	08
SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS.....	14
ENSINO DE GRAMÁTICA X NORMA CULTA.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
BIBLIOGRAFIA	28
ANEXOS	29

APRESENTAÇÃO

Este Ensaio Monográfico foi elaborado com o objetivo de contribuir de alguma forma para a reflexão sobre o ensino da língua padrão e não-padrão.

Não pretendemos apresentar uma análise completa dos problemas lingüísticos, mas auxiliar no debate de idéias que legitimam, explicitam e socializam concepções e experiências de como trabalhar o ensino da língua padrão, sem desmerecer o ensino da norma popular.

Na elaboração dessa pesquisa, alguns teóricos se revelaram fundamentais, entre eles: Bagno, Cagliari, Bechara, Possenti, Perini e Rui de Oliveira, os quais foram de suma importância para o desenvolvimento do confronto entre a teoria e prática escolar.

Para possibilitar a clareza e o entendimento daquilo que pretendemos, dispusemo-nos a acompanhar de perto a importância que os professores entrevistados têm dado às variações lingüísticas nas Escolas Estaduais “06 de Agosto” e Dep. “Dormevil Faria”.

Nosso trabalho está assim distribuído: apresentação, a visão dos teóricos, sistematização dos dados, o confronto: teoria X prática e considerações finais. O material que serviu-nos como *corpus* consta dos anexos deste.

Apresentamos neste uma visão crítica sobre o modo como os professores entrevistados ainda vêem os desvios da norma culta e o ensino da gramática.

Esperamos que este trabalho possa trazer contribuições de uma forma ou de outra para todas as pessoas que se interessam pelo assunto.

A TEORIA

Segundo alguns pensadores da linguagem, o estudo da gramática surgiu na antigüidade clássica com o objetivo claro de investigar apenas as regras da língua, para assim preservar as formas consideradas mais *corretas e elegantes* da língua literária.

Infelizmente essas mesmas regras, usadas pelos literários na língua escrita começaram a ser cobradas principalmente na língua falada, pela classe dominante, com o objetivo de que as pessoas viessem a falar sempre do mesmo modo. Fato este que despreza totalmente as variedades dialetais da língua oral, o que impõe a gramática como instrumento de poder e controle. Nesse sentido Marcos Bagno diz que:

A gramática porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle. Surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua bonita, correta e pura. (BAGNO, 1999:64)

Alguns estudiosos da linguagem afirmam que o conhecimento da gramática e o domínio da língua são fenômenos independentes, prova disto é que só surgiu a primeira gramática no Brasil em 1536, esta fora publicada em Lisboa, quando os portugueses já tinham séculos de brilhante tradição literária, isso tanto em prosa, quanto em verso.

O estudo gramatical teve início em Lisboa quando Fernão de Oliveira publicou sua Gramática da Linguagem Portuguesa. Desde então o Brasil começou a copiar as regras e normas dos portugueses, fato este que acreditamos ser devido a grande influência dos reis de Portugal, (D. Manuel e D. João III), que enviaram colonos portugueses para o Brasil a fim de desbravar a terra antes habitada por índios.

Nos primeiros séculos da colonização (século XVI e XVII), falavam-se muitas línguas indígenas no Brasil. Havia, porém, uma língua comum de comunicação entre os nativos – o tupi-guarani que ficou depois conhecido como língua geral.

Neste período (séc. XVI), foi enviado para o Brasil, o Padre José de Anchieta com a finalidade de catequizar os índios. No entanto, Anchieta não satisfeito com a linguagem indígena decidiu que os índios é que deveriam adaptar-se a eles e que para isso a solução seria escrever uma gramática e um dicionário do tupi-guarani para *ensiná-los* uma língua franca, como se os índios não soubessem se comunicar. Desde então a língua geral passou a ser usada somente com os integrantes da tribos e no trato com os portugueses.

Nos dois primeiros séculos da colonização o português era falado por uma minoria de pessoas mais civilizadas, vindas de Portugal. A partir do século XVIII a língua geral foi aos poucos sendo substituída pelo português. Mas nem todos conseguiam usar esta língua elitizada o que acabou transformando-se num verdadeiro drama lingüístico. Sobre este abismo entre português- padrão e a língua falada Bagno diz que :

Quando se trata de falante pouco escolarizado ou totalmente analfabeto, o abismo entre a norma-padrão e a língua realmente falada fica ainda maior. É por isso que costumo dizer que no Brasil se desenrola um verdadeiro drama lingüístico. Embora se diga que aqui "todo mundo fala português", existem "portugueses" que valem mais do que outros ... (BAGNO, 2001: 163)

A concepção de que alguns portugueses valem mais do que os outros não está somente na visão de Bagno, pois mesmo no início da colonização grupos analfabetos das classes desprestigiadas pela elite continuavam falando a língua geral devido a dificuldade que tinham de adaptar-se a uma nova língua.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, as populações brasileiras (índios, mamelucos, negros e mestiços em geral) tinham dificuldade em falar português, continuando a se expressar na língua geral que estavam habituados.

Foi neste período que o português recebeu uma forte influência do tupi e de outras línguas faladas, tanto pelos índios como por africanos. Nesses trezentos anos de convivência, índios, negros, mestiços e brancos pouco a pouco foram se aculturando mutuamente, mas sem dúvida a cultura portuguesa era muito mais

desenvolvida e os brasileiros quase de forma geral intuitivamente reconheciam essa superioridade.

Uma pequena elite já considerava o português como ideal de expressão lingüística, tanto é que os homens ricos e poderosos começaram a enviar seus filhos para estudar na universidade, em Portugal. Universidade esta que teve relevante importância na formação dos primeiros grandes e famosos escritores brasileiros.

Em 1808, com a chegada da família real portuguesa no Brasil, iniciou-se um período diferente em nossa cultura e língua. Esse progresso cultural foi enorme para o nosso jovem país, permitindo desde então a impressão de jornais e livros do Brasil, o que era antes proibido.

Anteriormente todos os livros vinham de Portugal, inclusive a primeira gramática que os brasileiros elitizados utilizavam para falar “melhor”.

A partir de 1822 o Brasil alcançou uma certa independência, criando um ambiente favorável para o desenvolvimento de uma literatura “verdadeiramente” brasileira. Autores conceituados passaram a escrever obras sobre temas brasileiros e numa linguagem que não é mais uma imitação da portuguesa, mas é a *nossa linguagem*. Apesar de sabermos que não existe uma língua totalmente brasileira num país cheio de diversidades lingüísticas e culturais. Em consonância com esta afirmação Rui de Oliveira diz:

De fato, não existe uma língua brasileira, porque a variante lingüística falada no Brasil é a língua portuguesa, embora com várias características próprias (...). A nossa comunidade é uma sociedade muito variada culturalmente, mas falamos todos o português do Brasil, que tem uma personalidade própria, bastante diferente do idioma que herdamos de Portugal. (OLIVEIRA, 2000: 203)

Desde o início da formação do povo brasileiro sofremos com a imposição portuguesa, mas foi através desta que conquistamos a *nossa independência literária*, isto porque após séculos de submissão Júlio Ribeiro publicou aqui no Brasil (1881), em moldes modernos, a primeira gramática da língua portuguesa. Mesmo após 121 anos de tradição gramatical Bagno afirma que ainda hoje o ensino da língua baseia-se

na norma gramatical de Portugal. Segundo ele (...) *o ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil.* (BAGNO, 2000: 35)

Uma antiga tradição já considerava a gramática como uma faculdade normativa, ou seja, que indicam os usos lingüísticos corretos ou incorretos.

A concepção gramatical sempre baseou-se no pressuposto da primazia da língua escrita sobre a falada, com a grande suposição de que a partir das gramáticas é que a língua alcançaria seu maior grau de perfeição. Diante deste contexto a gramática era vista como a arte de ensinar falar e escrever corretamente.

Esses fundamentos deveriam ter caráter estritamente literário, uma vez que alguns pensadores comungam da idéia de que as primeiras gramáticas só foram escritas com o objetivo antes visto, de preservar a língua considerada como ideal. Isso mesmo para pessoas de classe social desprestigiada que não tinha acesso a educação formal e aos bens culturais da elite. Elite esta que usava uma linguagem policiada, refinada e até certo ponto incompreendida pela maioria da população. Sobre o objetivo inicial da gramática Bagno, 2000 declara que *as gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como 'regras' e 'padrões' as manifestações lingüísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração e modelos a serem imitados.*

Até o surgimento do Modernismo os *produtores de literatura* em nosso país, procuravam usar apenas a norma culta. A partir desta data, essa preocupação se modificou e hoje, há escritores que produzem obras literárias usando essa linguagem popular registrando até o calão (uma espécie de dialeto).

Na visão de alguns pensadores é incompreensível, que ainda hoje, pesquisadores e professores de língua portuguesa usem a gramática como forma de alienação afirmando que esta se faz necessário para que os alunos venham a escrever, ler, ou falar melhor. Para Marcos Bagno, 2000, isto não passa de uma promessa enganosa, ele suscita a necessidade de uma nova postura dos profissionais para o ensino desta disciplina, uma vez que cresce a cada dia o desinteresse dos alunos por este caminho de ensino, pois tomam uma certa antipatia pela própria língua.

Acreditamos que estudar gramática não foi e nunca será o melhor caminho para chegar a ler e escrever melhor, porque segundo Perini *a gente aprende a escrever escrevendo, lendo, relendo, e reescrevendo ... Deve-se estudar gramática para saber mais sobre o mundo, não para aplicá-la à solução de problemas práticos tais como ler ou escrever melhor.* (PERINI, 2000: 55)

O mesmo autor ainda sugere que, para escrever bem, não precisa necessariamente saber regras gramaticais. Prova disto é que não existe nenhuma evidência que afirma tal absurdo, toda e qualquer evidência só vem provar o contrário. Afinal se fosse assim, todos os veteranos apaixonados pela gramática seriam sem sombra de dúvida ótimos escritores, e os bons escritores seriam grandes especialistas em gramática, mas felizmente os escritores não se envergonham de dizer que gramática não é com eles, no entanto, autores conceituados escrevem, e escrevem muito bem, mesmo não tendo conhecimento da tão temida regra gramatical.

Se é preciso saber gramática para escrever bem, será de esperar que as pessoas que escrevem bem saibam gramática – ou, pelo menos, que as pessoas que saibam gramática escrevam bem (...) será que isto acontece ? Luiz Fernando Veríssimo, na minha opinião, ninguém escreve melhor do que ele hoje em dia, no Brasil. Mas o Veríssimo não sabe praticamente nada de gramática. (PERINI, 2000: 50)

A referida afirmação só vem confirmar o que os grandes pensadores da língua dizem a todo momento sobre o indivíduo ter que aprender gramática para ler e escrever bem, porque se isso fosse a ordem, os grandes escritores primeiro teriam que decorar toda e qualquer regra gramatical para a partir daí começar a escrever.

Segundo o autor acima citado, o seu amigo Veríssimo não sabe praticamente nada de gramática, não por ter sido mau aluno, ou mesmo por ter abandonado a escola. Ele não sabe pela mesma razão que nós, que apesar de termos sido bons alunos, freqüentar uma ótima escola, ainda terminamos um curso superior afirmando que não sabemos nada de gramática. De fato não sabemos, mas felizmente isto não impede que alguns de nós saibamos escrever toleravelmente bem. Neste contexto

vemos que:

Precisamos de melhores gramáticas: mas de acordo com a linguagem atual, preocupados com a descrição da língua e não com receitas de como as pessoas deveriam falar e escrever. E, acima de tudo, precisamos de gramáticas que "façam sentido", isto é, que, tenham lógica. Que as definições sejam compreensíveis e que sejam respeitadas em todo trabalho. (PERINI, 2000:56)

Diante destes pressupostos entendemos que a gramática não deve ser banida do convívio do educando, o que precisa ser repensado é a forma como ela é imposta e vista pelos mesmos, ou seja, que ela tenha um contexto dentro de uma aplicação prática.

Creemos que o que deve ser ensinado não foi e nunca será o que consta nos famosos manuais de gramática escolar, mas sim os aspectos que precisam ser tematizados em função de toda necessidade apresentada pelo aluno.

Está claro que não se deve impor a língua culta nem tampouco a coloquial, pois se chegarmos ao exagero de repudiar tanto uma como a outra, não estaremos agindo de forma coerente. Segundo Bechara, *a gramática tradicional é criticada, com a defesa de que se deve deixar a língua livre de qualquer imposição.* (BECHARA, 1995:10)

Em ambas atitudes haverá uma certa opressão, uma vez que não se dá a liberdade de escolha para cada ocasião, tanto a funcional da modalidade culta, como a língua funcional da modalidade coloquial têm que ser valorizadas. E se houver um grande respeito mútuo, o professor irá valorizar todo e qualquer manifestação lingüística do educando, depois instigá-los a aprender e conhecer a linguagem padrão, sem desmerecer nenhuma das modalidades.

Só então a partir desse entendimento é que o aluno poderá escolher o momento certo para usar cada uma das modalidades lingüísticas existentes. Nesse sentido o ensino de português deveria ser para mostrar como funciona a linguagem humana e, de modo particular o português, fazendo com que os mesmos viessem a entender esse uso nas suas modalidades escrita e oral. Nas palavras de Bechara:



Não cabe a instituição de ensino a simples substituição da norma coloquial usada na língua funcional do aluno pela norma culta usada na língua funcional da escola. Caberá ao professor e à escola como um todo transformar o aluno num poliglota dentro de sua própria língua histórica – a portuguesa, em nosso caso. (BECHARA, 1995:40)

Acreditamos que o professor deverá agir como observador, ser imparcial, e a partir dessa atitude possibilitar ao aluno escolher a língua funcional adequada ao contexto histórico inserido.

Sabemos que o *professor* já cometia e ainda comete erros absurdos por entender como língua (escrita / oral) somente a modalidade culta, literária ou não, e isso vem refletindo nos atos impensados do educador que chega ao ponto de repudiar todo o saber lingüístico aprendido em casa.

Com base nas teorias expostas, buscaremos elementos, analisando os depoimentos de alunos e professores, para ao final deste trabalho, sabermos qual é a real importância que está sendo dada ao ensino da língua padrão na escola atual

SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

O presente trabalho só foi possível ser realizado devido a colaboração dos professores e alunos das Escolas Estaduais "06 de Agosto" e Dep. "Dornevil Faria".

Os dados foram coletados da seguinte maneira: elaboramos duas questões para os professores envolvendo os desvios da norma culta e o ensino da gramática padrão. E para os alunos elaboramos apenas uma questão envolvendo o ensino da língua padrão na escola.

Com o objetivo de preservar os entrevistados não citaremos nomes, e os mesmos serão tratados como Professores "A", "B", "C", "D" e "E" e Alunos "A", "B", "C", "D", "E" e "F".

Os dados coletados serão analisados em conjunto para um melhor esclarecimento da análise em questão.

OBS. Será mantida a grafia original dos entrevistados.

LINGUAGEM COLOQUIAL – PRECONCEITO SOCIAL OU LINGÜÍSTICO?

Apesar de muitos programas estarem voltados para um ensino de qualidade, ainda deparamo-nos com um ensino totalmente tradicional, que desconsidera todo contexto político-social do educando.

Tal afirmação fica bem explícita ao analisarmos a fala de alguns educadores e detectar aspectos que merecem ser ressaltados: observamos que alguns profissionais estão trabalhando de acordo com alguns teóricos, mas infelizmente ainda encontramos professores arcaicos, perdidos no tempo da gramática, que agem como se o certo da língua estivesse nos gramáticos. Alguns professores chegam ao cúmulo de ridicularizar o aluno usando a dicotomia certo versus errado. É o que comprovamos no trecho escrito pelo professor “A” quando questionado: Como você trabalha os desvios da norma culta com os seus alunos? *Após detectar qualquer deficiência nos textos eu grifo, chamo o aluno e mostro o erro (...)*

Em relação a este mesmo questionamento o Professor “B” diz que: *procura orientá-los para que eles não sintam constrangidos, mas devemos corrigi-los.*

Sobre a posição dos professores citados, vemos que em ambas as respostas há uma certa preocupação, por parte deles em “supervalorizar” a norma culta.

Cagliari diz que o *excesso de preocupação com a ortografia desvia a atenção do aluno, destruindo o discurso lingüístico, o texto, para se concentrar no aspecto mais secundário e menos interessante da atividade de escrita.* (CAGLIARI, 2000:124)

Embasados em estudos teóricos sabemos que certo e errado são conceitos pouco honestos que a sociedade usa para marcar os indivíduos e as classes sociais. Podemos confirmar essa concepção de que a desvalorização lingüística provém da avaliação social que a sociedade faz da situação financeira que os indivíduos se encontram através das palavras de Possenti: *Tal avaliação passa, em geral, pelo valor atribuído pela sociedade aos usuários típicos de cada dialeto. Ou seja: quanto menos valor (prestígio) têm os falantes na escala social, menos valor tem o dialeto que falam.* (POSSENTI, 2000:28)

Esses preconceitos fazem com que os mesmos indivíduos que chegam até a escola com ânsia de *aprender* se retraiam, pois ao ser cobrado a escrita, de forma autoritária, automaticamente estarão cobrando o *certo* na fala, rejeitando de forma cruel e intolerante toda e qualquer manifestação lingüística diferente, chegando a tratar o educando como um *deficiente lingüístico*.

Nesse sentido Bagno afirma que *esses preconceitos fazem com que a criança que chega a escola falando português não padrão (PNP) seja considerada uma 'deficiente lingüística', quando na verdade ela simplesmente fala uma língua diferente daquela que é ensinada na escola.* (BAGNO, 2000:29)

O ambiente escolar conturbado, cheio de intolerâncias e *deficiências* este preconceito se transforma em uma bomba atômica, no qual o maior prejudicado é o aluno.

Em relação ao questionamento anterior o professor "A" afirma que *é necessário falar e escrever corretamente*. Vemos no comentário desse professor que ele não está interessado no que o seu aluno pensa a esse respeito. O professor quer simplesmente impor suas idéias sem valorizar o que seu aluno tem de melhor. Prova disso é que o professor "A" ainda continua afirmando que: *É necessário falar e escrever corretamente porque é assim que a sociedade exige*.

Creemos que seja desastroso para a educação querer implantar a unidade lingüística, passar para o aluno de forma cruel que, para obter sucesso, no Brasil, tem que se falar o português padrão, isto porque já temos estatísticas que comprovam que há milhões de brasileiros desempregados com diploma de nível superior, o que subentende que com este nível a pessoa já tenha um conhecimento razoável do português tido como correto (padrão).

O que se pode adotar para o ensino da nossa língua é uma análise mais profunda sobre as variedades lingüísticas, em que o deficiente passa a ser diferente. Esclarecendo este conceito de deficiência verbal Cagliari diz *a escola como espelho, da sociedade, não admite o diferente e prefere adotar só as noções de certo e errado, numa falsa visão da realidade ...* (CAGLIARI, 2000:82)

Vemos que os estudos dos lingüistas sobre a valorização do PNP, já não são tão recentes, mas a tradição escolar ainda insiste em negar a existência de uma

pluralidade de normas lingüísticas dentro do universo da língua portuguesa. Muitas escolas ainda continuam pautadas na cópia de mestres do passado, o que dá espaço para entendermos que há unificação da língua, prova disto é que na seqüência o professor "C" em resposta ao segundo questionamento: Na sua opinião o ensino da gramática padrão é essencial ? Ele afirma que sim. *Pois a gramática padrão possibilita ao aluno e professor desenvolver discussões e reflexões sobre os erros que cometemos no dia-a-dia, oferecendo a correção e a melhoria do nosso discurso oral e escrito.* Entendemos que com esta concepção o professor "C" poderá sem dúvida atrapalhar o processo de ensino-aprendizagem da língua, uma vez que este educador utiliza a gramática com intuito de corrigir os erros chegando ao cúmulo de primar pela unificação da língua.

Visando esta unificação, a escola ainda hoje tem como ponto básico nas aulas de Língua Portuguesa ensinar aos estudantes como utilizar a linguagem escrita como reforço da fala, sendo que nenhum ser humano falante de qualquer língua nativa, necessita de conhecimentos teóricos de gramática para comunicar-se com seus semelhantes. Sobre isso Sírío Possenti afirma que:

É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada. A maior prova disto é que em muitos lugares do mundo se fala sem que haja gramáticas codificadas, e sem as quais evidentemente não pode haver aulas de gramática como as que conhecemos. (SÍRIO POSSENTI, 2000:54)

Com a imposição que a maioria das escolas quer submeter os alunos, os pesquisadores da língua já estão chegando num consenso de que as gramáticas criadas por esta ou aquela escola lingüística só ajudam na compreensão da língua, pois para o povo falante nada valem. O vocabulário utilizado por este ou aquele grupo e aprendido na escola naturalmente é suficiente para que se expressem de maneira clara e objetiva. No entanto, o falante do português não-padrão é visto como deficiente lingüístico, sem-língua, sendo que o mesmo só fala uma língua diferente da que é ensinada na escola, usa sua gramática particular que em vez de reconhecida, é

desprestigiada, ridicularizada por parte dos falantes da suposta variedade culta, em geral mal defendida, que é ensinada na escola e tida como oficial.

Para reforçar a tese de que os alunos muitas vezes são ridicularizados até pelos próprios colegas o aluno "A", em resposta à pergunta: Como os seus professores agem quando você ou algum colega diz ou escreve alguma palavra que não está correta? *As vezes algumas professoras dá uma bronca nos alunos (...) mas não é só as professoras que corrige, algumas vezes tem umas colegas que pega no pé e fais a gente passa vergona quando a gente escreve ou fala uma palavra errada.* (Mantida a grafia original)

Segundo Bagno com esta prática de imposição de ensino, fica fácil descobrir a razão de certa antipatia pela disciplina em si, pois este aluno já iniciou o Ensino Fundamental (5ª série) com uma certa antipatia pela matéria, não é de se estranhar que ele termine o Ensino Médio tendo a mesma visão.

Creemos que a partir do momento que a escola tomar consciência de que é a gramática particular que está sempre em movimento, isto é, renova-se incessantemente, enquanto que a gramática normativa envelhece, pois permanece estática, imóvel, a escola terá outros objetivos a serem ensinados e os alunos terão certamente, mais interesse em aprender.

Diante da teoria apresentada vemos que não cabe à escola ensinar aos seus alunos a falar direito, o que a escola pode e deve fazer é possibilitar o sucesso dos mesmos em qualquer situação comunicativa.

Com relação ainda ao questionamento do aluno "A", o autor Rui de Oliveira, 2000, esclarece que não é necessário rotular, ridicularizar o aluno em sua própria língua pelo simples fato de que a gramática só tem importância para a preservação da língua culta.

Sabemos que ao ser rotulado e ridicularizado em sua própria língua, o aluno perde todo um conhecimento natural que até então julgava ser importante. Esta diferença que existe entre os seres humanos é perfeitamente compreensível, uma vez que as pessoas têm formas e características diferentes para se expressarem.

Na visão de Bagno, podemos constatar que são simplesmente diferenças de uso, e diferenças não são deficiências nem tão pouco inferioridade. *Existem, sim,*

formas de uso da língua diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical. No entanto, essas formas "diferentes" quando analisadas, com critério, revelam-se perfeitamente lógicas e coerentes. (BAGNO, 2001:26)

O professor "C" afirma que *a gramática padrão possibilita ao aluno e professor desenvolver discussões e reflexões sobre os erros que cometemos no dia-a-dia.*

Observamos neste trecho que o referido professor preocupa-se muito com os erros tanto do aluno quanto do professor e que a gramática segundo ele é usada para possibilitar os acertos de ambos. Cremos que seja devido a conceitos como este é que ainda hoje somos obrigados a ensinar e aprender que o *certo* é dizer e escrever nas normas do português de Portugal, isso significa dizer que somente o português europeu seja válido para todos os povos que falam o português.

Essa afirmação é extremamente preconceituosa e só terá fim no dia em que o ensino de português se concentrar no *uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil*. E para isso é de suma importância que nós, educadores, tenhamos em mente que o português não-padrão é *diferente* do português padrão, mas tem lógica e estrutura bem definidas, que só não acompanham as tendências da língua, se forem reforçadas pela educação formal.

Em consonância com esta afirmação, Bagno diz: *O português não padrão não é 'pobre', 'carente' nem 'errado'. Pobres e carentes são sim, aqueles que o falam, e errada é a situação de injustiça social em que vivem. (BAGNO, 2000:63)*

O aluno "B", em resposta à metodologia utilizada pelo professor para o ensino da norma padrão a exemplo do "A", também insiste em dizer que *alguns professores corrigem nossos erros ensinando a forma correta de se dizer e escrever as palavras para não errarmos ao fazer trabalhos e provas.*

Podemos perceber que tanto o aluno B quanto o A estão preocupados com erros e acertos em provas, concursos e vestibulares, percebe-se assim um grande apego concedido à importância exagerada aos tão debatidos erros de ortografia. E o que na maioria das vezes é chamado de erros ortográficos, na verdade são simples desvios de ortografia oficial. Cremos que em vez de classificar o educando como incompetente, devemos ter em mente que o modo de escrever não faz parte da

gramática da língua, uma vez que milhões de pessoas que desconhecem a forma escrita, falam perfeitamente, empregando sem dificuldade as regras gramaticais delas.

Acreditamos assim que para o bom desenvolvimento do ensino de línguas é necessário se divorciar da gramática, porque de acordo com Bagno:

A alteração da ortografia não provoca alteração nas estruturas gramaticais da língua (...) sabendo disso, é importante um professor estar sempre consciente de que o aluno que comete desvios de ortografia não está cometendo “erros de português”. O aprendizado da ortografia exige exercício, memorização, treinamento – é uma competência que tem que ser “aprendida”, ao contrário de outras competências que são adquiridas naturalmente. (BAGNO, 2001:30)

Contrapondo a visão de Bagno, os professores “A” e “B” não vêem os “erros” dos alunos como desvios de ortografia e isso faz com que a gramática passe a ser de suma importância em suas aulas de português, chegando a exigir do aluno uma unidade na linguagem. Com esta visão de ensino, os professores entrevistados justificam o ensino da Língua-Padrão como preparação para vestibulares e concursos, ainda assim não fica provado o ensino de língua apenas a partir da gramática. Vejamos o que Sírio Possenti fala em relação ao assunto:

Quando se discute ensino de língua, (...) logo se levantam objeções baseados nos vestibulares e outros testes, como os concursos públicos, nas quais seria impossível ser aprovado sem saber gramática. Claro que este fato deve ser considerado. Mas, adequadamente. Se verificássemos os fatos e não nossa representação deles (fora o achismo!) , veríamos que o conhecimento explícito de gramática não é tão relevante nessas circunstâncias. (Possenti, 2000:55)

Analisando a forma como alguns professores entrevistados vêem a gramática podemos perceber que os mesmos revelam-se praticantes da gramática normativa em seus métodos de ensino de língua, tanto é que em resposta ao questionamento: Na sua

opinião o ensino da gramática padrão é essencial ? Justifique: O professor “B”, disse: *Sim. Pois apesar deste assunto ser muito discutido pelos lingüistas e que não é tão necessário, mas quando nos deparamos com o vestibular é cobrado a gramática padrão e se o aluno não tiver conhecimento, como conseguirá ele fazer o vestibular?*

Não é difícil reconhecer aí o sonho do homem em querer moldar, colocar o ser humano em formas movidas pelas gramáticas, com suas regras e normas. Esse ideal de ser humano padronizado, falando a mesma língua, não é um sonho esperado só pelos gramáticos, pois infelizmente algumas unidades escolares ainda comungam da idéia de que falar certo é falar de acordo com as gramáticas normativas.

Para justificar este absurdo sobre o *ideal* de ser humano o professor “A” em resposta à pergunta anterior sobre o ensino da gramática padrão afirma que *essa mudança na língua portuguesa tem causado muitos prejuízos, prova disto é que, hoje nossos alunos chegam no Ensino Médio falando e escrevendo errado*. Tal afirmação nos parece equivocada, uma vez que acreditamos ter ficado claro no decorrer deste ensaio monográfico que não existem erros lingüísticos e não há nada que prove uma unificação lingüística.

Ao contrário, do enunciado acima os lingüistas têm contribuído para mostrar que a língua se transforma com o tempo, sendo que esta mudança não depende exatamente da vontade do homem, mas sim de todo um contexto que envolve o ser humano, com sua linguagem heterogênea e dinâmica. Nesse sentido Bagno diz que *a importância da língua falada para o estudo científico está principalmente no fato de ser nessa língua falada que ocorre as mudanças e as variações que incessantemente vão transformando a língua*. (BAGNO, 2000:55)

Uma vez aceito e comprovado pelos teóricos esta relação complicada sobre o certo e errado entre a língua falada e escrita, o ensino da língua precisa ser profundamente reexaminado, isso porque a língua falada é a língua exatamente tal como foi aprendida pelo falante, em seu contato com a família e a comunidade, desde os primeiros anos de vida.

Graças a este convívio, falantes de uma determinada língua criam naturalmente dialetos que divergem da língua culta. Dialetos estes que são perfeitamente compreendidos, dentro de um mesmo grupo, no entanto, estes mesmos

falantes são considerados inadequados quando se deparam com um grupo de falantes escolarizados que rotulam a língua diferente como corrompida e estropiada, apesar de saberem que bilhões de pessoas que jamais aprenderam a ler e escrever falam e são perfeitamente compreendidos.

Do ponto de vista da história de cada indivíduo, o aprendizado da língua falada precede o aprendizado da língua escrita quando ele acontece. Basta citar os bilhões de pessoas, que nascem, crescem, vivem e morrem sem jamais aprender a ler e escrever. E no entanto são falantes perfeitamente competentes de suas línguas maternas. (BAGNO, 2000:56)

Nota-se que o professor enquanto educador, deverá agir como um observador, ser imparcial, e a partir dessa atitude apropriar-se de informações que possam trazer, uma relação de respeito mútuo entre professor e aluno. É muito importante que o aluno sinta este respeito às suas origens, porque é a partir deste convívio harmonioso que o professor terá uma melhor compreensão do mundo do aluno. Um mundo que assume peculiaridades e características sociais diferentes em que os indivíduos aprendem a língua ou dialeto da comunidade em que vivem.

Como a educação no Brasil, ainda é privilégio de poucos, uma grande quantidade de pessoas permanecem à margem do domínio de uma norma culta.

De acordo com o lingüista Bagno *o Português não padrão é transmitido de geração para geração, é um patrimônio lingüístico que é compartilhado no convívio com a família e com as pessoas da mesma classe social. (BAGNO, 2000:37)*

Ao tecer comentários como este, Bagno reconhece a importância de valorizar-se o patrimônio lingüístico do convívio familiar de cada indivíduo.

Analisando a fala do aluno "D", podemos encontrar uma contradição, porque o mesmo fica em dúvida sobre se o seu professor deve ou não corrigi-lo: *As vezes eles corrigem, outras vezes eles dizem que é normal falar algumas palavras erradas, porque dizem que a fala varia de pessoas e lugares.*

De acordo com alguns teóricos este é mais um equívoco, pois se a fala varia de pessoas e lugares, não pode ser considerada como erro a fala dos alunos. Pois

segundo Bagno, *a noção de erro é muito cômoda, pois ela dispensa a gente de ir mais fundo e descobrir as verdadeiras razões que levam o português não padrão ser como é.* (BAGNO, 2000:32)

O que acontece é que ainda hoje em pleno século XXI, as gramáticas tradicionais são utilizadas para ensinar regras e normas aos falantes nativos, isto significa dizer que grande parte dos professores continuam impondo formas arcaicas que constroem e reprimem os alunos, o que leva-os a considerarem-se incapazes de aprender e conquistar qualquer coisa.

É curioso como alguns professores ainda insistem no mito de que precisamos falar certo, parecem desconhecer a transformação que a língua está passando. Insistem em considerar erradas as inúmeras formas do falar brasileiro, alimentando a fantasia de que os portugueses são os verdadeiros *donos* da língua, e que nós utilizamos-a apenas por empréstimo.

Tal argumento se faz necessário uma vez que é muito mais cômodo acreditar neste mito, do que fazer investigações sistemáticas a respeito desses fenômenos lingüísticos e descobrir que cada nação tem seu instrumento de comunicação, seu modo de falar, a sua linguagem, o seu idioma.

Estivemos ligados historicamente a Portugal, mas já é o momento de preocupar-nos, com o *certo e errado* relacionado a nossa cultura. Neste caso referimo-nos às variedades existentes na Língua Portuguesa Brasileira e nela não existe uma variedade *certa*, porque cada situação de comunicação impõe uma variedade própria que é a certa.

Vejamos o que diz o aluno “E” em resposta a questão anterior: *Minha professora chama o aluno na mesa, e mostra o que ele errou e ensina ele escrever, da maneira correta, e quando alguém diz alguma coisa errada ela espera a pessoa terminar a sua conversa para depois corrigir.*

Creemos que a forma de correção usada pela professora esteja sendo inadequada, uma vez que não está sendo feita dentro de um contexto histórico e social de seu aluno.

Segundo Perini *não existe simplesmente uma variedade certa . Cada situação de comunicação (ensaio científico, peça teatral, conversa de botequim, discurso de*

formatura, pedido de informações na rua, etc.) impõe uma variedade própria que é a certa naquela situação. (Perini, 2000:25)

Neste contexto o professor deve estimular o aluno a se tornar um verdadeiro poliglota dentro de sua própria língua, para que no futuro o mesmo não venha a fazer uma imagem negativa de si e da língua falada, pois às vezes somos inspirados em mitos e superstições que têm como único objetivo, perpetuar os mecanismos de exclusão social.

E a fim de evitar que a exclusão social ocorra é que o autor acima citado sugere que os alunos estejam preparados para enfrentar toda e qualquer situação do seu dia-a-dia. Para isso o professor terá uma árdua missão, que é mostrar aos alunos que existem várias modalidades lingüísticas e que para cada situação o falante deverá escolher uma delas e dominá-la bem.

Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua, mas infelizmente a oposição não permite que estes falantes percebam que, saber não é decorar formas gramaticais, porque saber significa conhecer intuitamente e empregar com naturalidade as regras básicas do funcionamento da língua e não das gramáticas. Bagno reforça dizendo:

Está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua! O que ela não conhece são sutilezas, sofisticções e irregularidades no uso dessas regras, coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar. (BAGNO, 2000:35)

Baseado na fala do referido autor, o educador necessita rever suas ações e fazer uma auto-avaliação de seu modo de ser, pensar e agir. Através das palavras do aluno "C", comprovamos o equívoco dentro do ensino de português quando em resposta ao questionamento antes visto, ele afirma que: *A maioria age de forma normal, corrige o meu erro, explicando a forma correta de dizer ou escrever a palavra. Alguns até procuram explicar ao aluno alguma maneira de guardar a palavra para não cometermos mais erros de português.*

Com base nestes argumentos percebemos que ainda precisamos de muitas pesquisas para que possamos entender melhor os distúrbios lingüísticos dos nossos alunos.

Acontece porém, que os defensores de um mito estigmatizado não se dão conta de que o poder de expressão do aluno está exatamente no seu jeito natural de pensar e de falar. Sabemos que não existe nenhuma pesquisa que comprove a dificuldade de expressão na língua materna na qual o indivíduo nasceu e cresceu.

Segundo Bagno é graças a esse desrespeito lingüístico que tanta gente continua afirmando que português é difícil, e com isto falantes das variedades desprestigiadas deixam de usufruir de vários segmentos da sociedade por não compreenderem a linguagem utilizada pelos órgãos públicos.

O autor ainda diz que é de fundamental importância o reconhecimento da existência de muitas normas lingüísticas diferentes para que crianças que realmente buscam ajuda na escola permaneçam e se apoderem de um recurso fundamental nas lutas contra as desigualdades sociais. Para que isto aconteça de forma justa Bagno diz que é imprescindível que valorize a linguagem materna da criança, usada pelas pessoas de sua família e de sua classe social. A partir daí levá-la ao domínio da norma padrão que será utilizada pela mesma, para lutar em pé de igualdade ao lado do cidadão das classes privilegiadas. Bagno reafirma que

O domínio da norma padrão certamente não é uma fórmula mágica que vai permitir ao falante do português não padrão "subir na vida" automaticamente. Mas certamente vai ajudá-lo a lutar em pé de igualdade, com as mesmas armas, para ter acesso aos bens econômicos, políticos e culturais reservados às elites dominantes. (BAGNO, 2001:30)

O mesmo autor alerta para que não se confunda idéia de domínio com esse mito da unidade do português e abandonem a verdadeira diversidade lingüística do nosso país que sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa.

Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência em deturpar a verdadeira função da escola e do ensino da língua portuguesa, sendo que a função principal da escola é transmitir alguns conhecimentos básicos, instrumentais para ajudar o educando a produzir seu próprio conhecimento e não se limitar a repetir uma série de supostas verdades.

Sobre estas supostas verdades o referido autor diz que:

A escola deve levar o aluno a 're-fle-tir' sobre as informações que está recebendo aqui dentro e lá fora. Parar de aceitar passivamente o pacote de verdades tradicionais e passar a refletir sobre elas, a questioná-las, criticá-las, a duvidar inclusive, se for o caso de sua veracidade. Assim teremos base também para descartar as noções tradicionais e substituí-las por novas informações, mais próximas do real (BAGNO, 2001:58)

De acordo com os estudos desenvolvidos acreditamos que não precisamos excluir as gramáticas, mas sim diferenciar o trabalho que está sendo feito nas escolas. Enquanto educadores precisamos ajudar os alunos a descobrirem a importância de todas as variações lingüísticas, enfatizando que linguagem padrão é só mais uma modalidade da língua portuguesa.

Reconhecemos que o trabalho que temos pela frente é árduo, mas compensador, pois só assim os alunos poderão compreender as diversidades lingüísticas que estão expostos diariamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos feitos, constatamos que apesar de estarmos a séculos de nossa língua-mãe, (latim) ainda vivemos situações parecidas . Há séculos a exclusão ocorria entre o latim vulgar e o clássico, hoje a situação se perpetua entre o português padrão (PP) e o português não –padrão (PNP).

Parece-nos que esse antagonismo acontece porque o português não-padrão, não faz parte somente das classes menos privilegiadas.

Sabemos que com a evolução da história da educação é dever do estado oferecer a todas as crianças de 7 a 14 anos Ensino Fundamental gratuito, com isso hoje a escola não é privilégio somente das pessoas que detêm o poder, o que faz com que inverta o quadro em relação ao período colonial, no qual somente as pessoas de posse tinham acesso ao falar culto.

Vemos que infelizmente a discriminação continua mais acentuada nas classes menos favorecidas, pois um político conceituado, um fazendeiro muito rico pode falar à vontade seu linguajar informal, que ninguém vai se atrever a corrigi-lo. Isso vem nos mostrar que o preconceito é muito mais social do que lingüístico.

Observamos no decorrer da pesquisa que os professores entrevistados ainda confundem ensino da língua padrão com o ensino de regras gramaticais, o que leva-os a emitir alguns posicionamentos a respeito dos vestibulares, concursos e outros testes. Com as imposições de regras gramaticais vemos que a escola leva a discriminação e ao fracasso no ensino-aprendizado.

Vimos que em nenhum momento os professores comentaram sobre a necessidade de sensibilizar o aluno para a variabilidade lingüística.

Verificamos ainda que embora haja quem defenda que a escola deveria não só respeitar, mas também preservar a variedade lingüística que o aluno já domina na modalidade oral, constatamos que a opção da escola é privilegiar a variedade culta da língua portuguesa.

Cremos que propostas alternativas têm sido feitas, pelos teóricos, no entanto,

algumas escolas e professores, dizem aceitar essa variedade, mas sentem-se perdidos por não saberem como agir em sala de aula com seus alunos.

Com isso vemos que embora exista um discurso oficial que supostamente deva sustentar esta prática vemos que a escola, ainda não incorporou , a preocupação com a valorização da linguagem oral apesar de que a escola saiba seu predomínio nas atividades humanas. Sem dúvida este continua sendo o discurso da diversidade, mas infelizmente a prática é da *deficiência* lingüística.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico*. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola 1999.

_____. 2000: *A língua de Eulália: Novela sociolingüística*. 6 ed. – São Paulo: Contexto.

_____. 2001: *Português ou Brasileiro ? Um convite à pesquisa*. São Paulo, Papola Brasil.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?* 8 ed. São Paulo: Ática, 1995.

CAGLIARI, Luís Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Rui de. *Neurolingüística e o Aprendizado da Linguagem*. 1 ed. Catanduva: S.P. 2000.

PERINI, Mário. *A Gramática descritiva do Português*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000.

POSSENTI, Sírio. *Porque (não) ensinar gramática na escola*. Campinas São Paulo, Mercado de Letras Associação de Leitura do Brasil, 1996.

ANEXOS

Como você trabalha os desvios da norma culta com os seus alunos?

Após detectar, qualquer deficiência nos textos eu grifo, chamo o aluno e mostro o erro. Sempre explico que é necessário falar e escrever corretamente, porque é assim que a sociedade exige. E para sanar esses problemas, aplico várias atividades.

Na sua opinião o ensino da gramática padrão é essencial? Justifique.

A gramática é de suma importância na aprendizagem do aluno.

É através dela que estes aprendem a ler e a escrever. Por isso sempre digo que essa mudança no ensino da Língua Portuguesa tem causado muitos prejuízos.

Prova disto é que hoje nossos alunos chegam no ensino médio falando e escrevendo errado.

Professor "A"

13

Como você trabalha os desvios da norma culta com os seus alunos?

Procuro mostrá-los que existe estes desvios e o porquê deles. Procuro orientá-los para que eles não se sintam constrangidos, mas que devemos corrigi-los.

Na sua opinião o ensino da gramática padrão é essencial? Justifique.

Sim. Pois apesar deste assunto ser muito discutido pelos linguistas e que não é tão necessário, mas quando nos deparamos com um vestibular é cobrada a gramática padrão. E se o aluno não tiver conhecimento, como conseguirá ele fazer o vestibular?

professor "B"

Como você trabalha os desvios da norma culta com os seus alunos?

Desenvolvo através de produções de textos, a correção conjunta com o aluno, dando-lhe oportunidade de encontrar, reconhecer, questionar e aprimorar seus conhecimentos nos desvios da norma culta.

Na sua opinião o ensino da gramática padrão é essencial? Justifique.

Sim. Pois a gramática padrão possibilita ao aluno e professor desenvolver discussões e reflexões sobre os erros que cometemos no dia a dia, oferecendo a correção e a melhoria do nosso discurso oral e escrito.

Professor "C"

Como você trabalha os desvios da norma culta com os seus alunos?

Sentando explicar a eles a importância de se conhecer a norma culta e aproveitando a bagagem que eles carregam consigo, para trabalhar a norma culta.

Sem deixar de respeitar o regionalismo e as outras formas de culturas existentes.

Na sua opinião o ensino da gramática padrão é essencial? Justifique.

É importante que se trabalhe a gramática, mas não podemos ficar presos a ela todo o momento, porque com a leitura de textos e obras, através de debates e produções, podemos estar trabalhando os sentimentos e emoções no qual, só percebemos através da leitura. Pode-se unir o útil e o agradável, como trabalhar as duas coisas juntas.

Professor "D"

Como você trabalha os desvios da norma culta com os seus alunos?

Procuro não deixá-los intimidados com estes desvios e oriento-os que é necessário ter uma norma padrão, e porque se faz necessário.

Na sua opinião o ensino da gramática padrão é essencial? Justifique.

Sim, pois quando nos deparamos com um concurso, ou vestibular, é cobrada a gramática fora e dentro do texto.

Professor "E"

Como os seus professores agem quando você ou algum colega diz ou escreve alguma palavra que não está correta?

As vezes algumas professoras da minha turma nos alunos dizem: escreve direito menino, fala direito menino. Eu já te falei tantas vezes que já posso escrever certo, mas não é só as professoras que corrigem, algumas vezes tem umas colegas que pegam no pé e fazem gente para vergonha quando a gente escreve ou fala uma palavra errada.

Aluno: "A"

Como os seus professores agem quando você ou algum colega diz ou escreve alguma palavra que não está "correta"?

Muitas das vezes os professores erram também. Tem professores que nem ligam pra isso, mas alguns corrigem nossos erros ensinando a forma correta de se dizer e escrever as palavras para não errarmos ~~na~~ ao fazer trabalhos e provas.

Aluno "B"

Como os seus professores agem quando você ou algum colega diz ou escreve alguma palavra que não está "correta"?

A maioria age de forma normal, corrige o meu erro, explicando a forma correta de dizer ou escrever a palavra. Alguns até procuram explicar ao aluno alguma maneira de guardar a palavra para não cometer mais erros em português.

Os professores costumam discutir nossos erros, tirando nossas dúvidas, para não errarmos nas provas, trabalhos e outros escritos que utilizamos no nosso dia-a-dia.

Aluno: "C"

Como os seus professores agem quando você ou algum colega diz ou escreve alguma palavra que não está "correta"?

Os meus não corrigem, só dizem que está errado e mostram alguns exemplos de palavras que estão erradas e dizem que a palavra está errada, porque dizem que a palavra está errada, então não corrigem a forma, só dizem que está errada e mostram alguns exemplos de palavras que estão erradas e dizem que a palavra está errada.

folha muda.
Eu folio e escrevo errado, mas preciso mais praticar no livro.

Classe "D"

Como os seus professores agem quando você ou algum colega diz ou escreve alguma palavra que não está "correta"?

Minha professora chama o aluno na sua mesa, e mostra o que ele errou e ensina ele escrever, da maneira correta, e quando alguém diz alguma coisa errada ela espera a pessoa terminar a sua conversa, para depois corrigir. Com isso ela ganha a amizade dos alunos com sua educação.

Aluno "E"

Como os seus professores agem quando você ou algum colega diz ou escreve alguma palavra que não está correta?

Normalmente, quando a gente escreve errado, os professores nos dizem que não precisam ter vergonha de perguntar e eles dizem que a gente nunca deve esquecer de corrigir um dicionário. Mas eles nos corrigem de uma forma que ninguém de nossa sala goza da gente, na verdade, ele acha que está certo pois desse jeito a gente aprende melhor.

Aluno "F"